

## AGROECOLOGIA, SOBERANIA ALIMENTAR E COMERCIALIZAÇÃO SOLIDÁRIA NA FEIRA AGROECOLÓGICA DE MOSSORÓ-RN: O ENLACE DA SUSTENTABILIDADE

Joaquim Pinheiro de Araújo; Zildence Matias Guedes Maia

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o processo de transição para uma agricultura de base ecológica a partir da feira agroecológica de Mossoró. A busca por maior autonomia da agricultura familiar camponesa implica tanto um novo projeto para a produção, com a diversificação da alimentação familiar, quanto para a comercialização. A venda direta de produtos ao consumidor cria cumplicidade entre produção e consumo, no caminho de se alcançar maior sustentabilidade produtiva, social e econômica para esse segmento. Esta via alternativa é distinta do modelo de modernização da agricultura, em que a atividade agrícola era considerada viável apenas quando inserida na lógica da especialização, tanto no uso de insumos agroindustriais como em uma produção voltada para o mercado convencional, marginalizando a soberania alimentar e os mercados de proximidade. Para essa investigação, foram utilizadas algumas categorias essenciais para a análise do processo de transição agroecológica que apontem para a emancipação, tais como autonomia, identidade, resistência e elaboração de projeto de superação, para refletir sobre os diversos avanços e limites dessa iniciativa.

**Palavras-chaves:** Agricultura, Políticas Públicas, Soberania e Segurança Alimentar

## AGROECOLOGY, FOOD SOVEREIGNTY AND JOINT COMERCIALIZATION IN AGROECOLOGICAL FAIR OF MOSSORÓ – RIO GRANDE DO NORTE STATE, BRAZIL: THE LINK OF SUSTAINABILITY

### ABSTRACT

This paper aims to reflect on the process of transition to an ecologically-based agroecological analyzing the Fair of Mossoró (a city of the Rio Grande do Norte State, Brazil). The search for greater autonomy of peasant family farming requires both a new project for the production in order to produce the diversification of the family diet and to commercialize. The direct selling of products creates complicity between production and consumption and prepares the way to achieve a greater productive, social and economic sustainability for this segment. This alternative pathway is distinct from the model of modernization of agriculture, where farming was considered feasible only when inserted in the logic of specialization, both in the use of agro-inputs as in a production aimed at the mainstream market, marginalizing food sovereignty and local markets. For this investigation, we used some key categories for the analysis of the agroecological transition process pointing to emancipation, such as autonomy, identity, resistance and overcome project design, to reflect on the various progress and limits of this initiative.

**Key Words:** Agriculture; Public Policies; Food Sovereignty and Security

---

JOAQUIM PINHEIRO DE ARAÚJO: Dr. Em Ciências Sociais/Professor do Departamento Agrotecnologia e Ciências Sociais/ Universidade Federal Rural do Semi-Árido. E-mail: joaquim\_rn@uol.com.br ZILDENICE MATIAS GUEDES MAIA: Mestranda em Ambiente, Tecnologia e Sociedade / Universidade Federal Rural do Semi-Árido.Email:zildence@hotmail.com.

---

## Introdução

A exemplo de várias experiências no Brasil, a construção de feiras agroecológicas tem se constituído como um instrumento de reflexão e vitalização do processo em curso de fortalecimento da agricultura de base ecológica desenvolvida por agricultores/as experimentadores, e apoiado por entidades de assessoria que buscam contribuir para que essas ações ganhem maior espaço na sociedade.

Essas feiras são uma iniciativa de cidadania pela sua novidade na forma organizativa, em que todo o complexo processo de produção e comercialização é colocado em questão, gerando um movimento de produção e consumo desconectado das redes globais dos impérios alimentares (PLOEG, 2008). Assim, busca-se romper com a concepção da agricultura baseada nos pacotes tecnológicos, inspirados na revolução verde, para uma alternativa centrada nos potenciais endógenos que costurem um imbricamento entre produção, consumo familiar e comercialização, potencializando a relação e reconhecimento de produtores e consumidores como parceiros.

Para Canuto (1998), as diferentes formas de compra direta de produtos agrícolas é um processo recente e promissor, que tem mostrado algumas vantagens para o produtor e o consumidor. Para o primeiro, a supressão dos intermediários, potencializando maior retorno econômico e a possibilidade de ouvir dos consumidores avaliações do que está produzindo; para o segundo, adquirir produtos mais frescos a preços mais baixos, além de obtenção

de maior conhecimento sobre a origem e forma de produção dos alimentos que vai consumir. Essas novidades precisam ser analisadas para além da escala quantitativa do que estão produzindo e comercializando. O seu formato tem elementos muito distintos do modelo convencional prevalecente, pois aqui os agricultores são sujeitos do processo. Por isso, vislumbram-se possibilidades de avanço, em comparação ao estágio atual, já que os grupos envolvidos estão em movimento, empolgados e abertos a novos conhecimentos a partir de suas participações em espaço de formação e intercâmbios, além de mais empoderados, para exigirem políticas públicas que fortaleçam suas opções.

É possível afirmar que uma das diferenças entre os agricultores que fizeram a opção pela agroecologia e aqueles que ainda não a descobriram é a percepção da própria agricultura. Enquanto estes estão muito pessimistas com as possibilidades de melhoria de vida por meio da atividade agrícola, aqueles estão otimistas e sendo alimentados nos espaços de que participam. Quando saem para comercializar seus produtos nas feiras, o retorno econômico é apenas uma das dimensões positivas. Esse processo tem dado vazão à autoestima de produzirem um alimento diferenciado, já que, orgulhosamente, fazem questão de dizer que seus produtos não têm veneno. Também, o ato de comercializar, possibilita o exercício da comunicação, contribuindo para ficarem mais extrovertidos e comunicativos.

O objetivo geral dessa pesquisa foi analisar os impactos da feira agroecológica de Mosoró para as famílias agricultoras, consumidores

e a própria cidade, assim como os impasses que impedem que essa experiência adquira uma maior dimensão e alcance sua consolidação no município. Também foram analisadas as práticas técnico-produtivas utilizadas na produção, buscando relacioná-las com a perspectiva de transição agroecológica e soberania alimentar. Esse trabalho é fruto da formação de um grupo de pesquisa, constituído por professores e estudantes da UFERSA, que vem acompanhando e analisando a trajetória da feira agroecológica de Mossoró. Foram feitas visitas para entender toda a dinâmica da feira e realizadas entrevistas semiestruturadas com os agricultores/feirantes abordando o processo de forma sistêmica e incorporando toda a cadeia, desde o processo produtivo e seus desafios da transição agroecológica, passando pelas possibilidades de processamento dos produtos e diversificação do cardápio familiar, até a concretização da comercialização, momento mais efetivo da relação entre produtor/a e consumidor/a. Foram também entrevistados consumidores no intuito de perceber a avaliação deles em relação a essa iniciativa. Além disso, foram feitas leituras sobre as temáticas de agroecologia e soberania alimentar, além de trabalhos científicos que investigaram outras feiras agroecológicas que pudesse subsidiar a investigação e definição das categorias analíticas.

As análises estão referenciadas nas categorias de autonomia, identidade e resistência como pressupostos para o êxito da convergência entre as temáticas da transição agroecológica, soberania alimentar e comercialização solidária.

## AGROECOLOGIA COMO CONTRAPONTO E ALTERNATIVA AO SISTEMA AGROALIMENTAR DOMINANTE

A importância de resgatar a cultura camponesa na discussão da proposta da agroecologia é muito útil pelo entendimento de que ela pode servir como uma espécie de ponto de partida para dialogar com outros conhecimentos, inclusive aquele produzido nas universidades e centros de pesquisas. A partir da interação desses conhecimentos, é possível a construção de estratégias que caminhem no sentido de uma maior autonomia em suas várias dimensões e uma maior sustentabilidade. Na agroecologia, é necessário interpretar a realidade de forma sistêmica e, para isso, a agregação do conhecimento do agricultor torna-se tão importante quanto a base teórica do extensionista (SILVEIRA e BALEM, 2004).

Para que isso aconteça, é necessário, por parte dos mediadores, um desprendimento da carga preconceituosa, adquirida no processo de formação acadêmica, baseada na ideologia da modernização da agricultura e da revolução verde, sobre os conhecimentos locais dos agricultores. O paradigma de simplificação dos processos agrícolas, inclusive dos seus objetivos restritos ao econômico, tem impedido a busca de alternativas ecológicas e socialmente apropriadas, nas quais o pacote tecnológico sofre ressignificação ou até substituição.

Conforme Almeida (1999), a proposição e aspiração de autonomia camponesa, em contraposição ao processo de heteronomização<sup>1</sup>, não pode ser vista como algo retrógrado, mas

1. Almeida (1999) toma emprestado esse conceito de Ivan Illich que significa, em última instância, a perda da capacidade da agricultura camponesa se autorregular. Seu sentido etimológico é aquele que recebe do exterior as leis que regem a sua conduta.

como uma lógica que se coaduna, do ponto de vista microeconômico e tecnológico, como dimensão da resistência capaz de frear o processo de marginalização pelo qual está ameaçada a produção camponesa.

Essa autonomia camponesa é perseguida em, pelo menos, quatro dimensões: na produção, quando busca uma maior independência dos insumos externos; no consumo, quando diversifica a produção como estratégia para a subsistência familiar; no domínio do tempo, quando organiza sua dinâmica de trabalho; e na relação com o mercado, com formas diferenciadas de comercialização, através de mercados de proximidades e aproximação dos consumidores.

Para Ploeg (2006), contra as tendências de exclusão provocadas pelo processo de mercantilização de toda a dinâmica da agricultura, o camponês atualmente busca continuar existindo e reforçando as seguintes dimensões: autonomia, agricultura mais econômica, reconexão da agricultura com a natureza, pluriatividade, novas formas de cooperação e reintrodução da artesanidade.

A ideia da transição agroecológica significa ir além da substituição de insumos. Nesse sentido, é necessário demarcar a diferença entre agricultura alternativa, compreendida como um conjunto de práticas e tecnologias que permite a utilização de certos insumos e não de outros, e a agroecologia que apresenta uma série de princípios e metodologias para estudar, analisar e desenhar agroecossistemas.

A perspectiva de transição agroecológica é mais do que a ecologia aplicada na atividade

agrícola. Ela precisa assumir uma dimensão política e cultural, à medida que se amplia no sentido de compreender o metabolismo entre sociedade e natureza. Ou seja, os sistemas agrícolas se desenvolvem como resultado da coevolução que ocorre entre cultura e ambiente. Uma agricultura verdadeiramente sustentável valoriza o componente humano, bem como o ecológico, e a interdependência que pode desenvolver-se entre ambos (GLIESSMAN, 2000).

Para pensar o processo de transição agroecológica, é fundamental um novo enfoque social para a agricultura e o desenvolvimento rural, construindo aspectos de conservação dos recursos naturais, viabilidade de atividades em pequena escala e métodos ecológicos modernos. Isso deve levar a uma atividade produtiva que tenha como ponto de partida o conhecimento e os recursos locais e que seja, ao mesmo tempo, sustentável e com um grau de produtividade capaz de gerar produção diversificada, propiciando condições de reprodução social das famílias e comunidades camponesas.

Para Costabeber (2004), a transição agroecológica é um processo gradual de mudança através do tempo nas formas de manejo e gestão dos agroecossistemas. Tem como meta a passagem de um sistema “convencional” (que pode ser mais ou menos dependente de insumos externos) a outro que incorpore princípios, métodos e tecnologias com base ecológica em um processo de ecologização da atividade produtiva, sem ter um momento final determinado.

Sobre o processo produtivo, Gliessman (2000) lista três passos, que acredita rep-

resentar níveis diferenciados no processo de transição agroecológica: a) o incremento das práticas convencionais para reduzir o uso e consumo *inputs* caros, escassos e daninhos ao meio ambiente; b) a substituição de *inputs* e práticas convencionais por práticas alternativas; c) o redesenho do agroecossistema, para que funcione com base em um novo conjunto de processos ecológicos.

A proposição agroecológica, além dos desafios tecnológicos e metodológicos, colocados à sua frente, deve ser capaz de ir construindo a autonomia política dos agricultores, tanto em relação ao Estado como aos impérios alimentares. Para isso, é fundamental avançar na transição para uma agricultura mais sustentável do ponto de vista ambiental e social, que possa, no médio e longo prazo, dar-lhe força política para se consolidar como um movimento social capaz de construir, na prática, uma nova lógica para a agricultura e o rural.

#### A SOBERANIA ALIMENTAR E A DIVERSIFICAÇÃO COMO PILARES DA AGROECOLOGIA

Os sistemas tradicionais da agricultura familiar estão sendo constantemente pressionados pela extrema homogeneização induzida pelo avanço da modernização capitalista de produção de alimentos. Em contrapartida a essa tendência, o campesinato continua tendo, na biodiversidade e na policultura, suas principais fontes de trabalho, que, antes de qualquer consciência ecológica, são muito mais uma

manifestação dos seus interesses em garantir a oferta suficiente para o autoabastecimento das suas famílias.

Para Whitaker (2008), a discussão sobre soberania alimentar está na ordem do dia, pois não basta se preocupar apenas com o aspecto da segurança alimentar de acesso à alimentação para todos os setores da sociedade. É necessário dar um passo à frente, no intuito da autonomia e independência, que as populações locais possam produzir o que desejam e necessitam consumir, baseado fundamentalmente nos seus recursos naturais e tecnológicos, iniciando pelo acesso à terra e controle das sementes. Nesse sentido, a criação dos assentamentos vem pontilhando o país com milhares de pequenos lotes, o que pode contribuir para o avanço de práticas referenciadas na soberania alimentar. Ao contrário da monotonia das monoculturas em vastas extensões territoriais, graças aos assentamentos, já se pode perceber “*a formação de mosaicos diversificados, próprios da agricultura camponesa com suas hortas, pomares, criações e cultivos variados*” (WHITAKER, 2008, p. 326).

#### A FEIRA AGROECOLÓGICA EM UMA PERSPECTIVA EMANCIPATÓRIA

Cresce a ênfase no debate e nas elaborações em torno da agroecologia como referência alternativa ao modelo produtivista. Essas buscas por novos caminhos e novos paradigmas de produção e de percepção sobre o rural e sua população, sem desconsiderar seus dilemas,

enxergam nesse ambiente um lugar singular, mas não isolado, que pode contribuir com perspectivas mais sustentáveis social e ambientalmente.

Essas iniciativas podem ganhar uma perspectiva de superação das dificuldades e limites presentes e ganhar uma perspectiva emancipatória? Como afirma Boaventura dos Santos (2006), isso pode acontecer a partir de novos paradigmas, construções e definições que emergem nas fronteiras em contraste com a rigidez das subjetividades e objetividades da ciência e do desenvolvimento. Pois, no geral, essas experiências apresentam formas originais de sociabilidade caracterizadas pela fluidez e a invenção, sendo orientadas tanto pelo paradigma dominante como pelo paradigma emergente.

Para Carvalho (2002), o segmento da agricultura familiar camponesa tem enfrentado dificuldades para a sua reprodução social. Isso se dá pelo processo de modernização da agricultura e dinâmica atual da acumulação do capital. Afirma que para esse segmento é melhor continuar buscando mudanças nem sempre fáceis do que vivenciar as incertezas das grandes metrópoles. Para tanto, é necessário que elas readquiram novas esperanças e uma nova utopia, que reafirme sua identidade social camponesa, o que não “*significa voltar à comunidade pré-capitalista, mas seguir outros referenciais de resistência ativa à exclusão social e a superação do modelo econômico vigente*” (CARVALHO, 2002, p. 04).

Para pensar a resistência à exclusão e as possibilidades para a sua superação, Carvalho (2002) apoia-se em Castells para elaborar uma

proposta que ele define como “comunidade de resistência e de superação”. Não àquela calcada no parentesco, vizinhança e na vida cotidiana que implica em padrões comuns de comportamento social, mas aquela surgida a partir da sociedade em rede e global que impõe padrões comuns e, ao mesmo tempo, propicia reações locais que nascem marcadas pela ampliação da comunicação e pelas novas práticas sociais.

Para Castells (1999), a constituição de sujeitos da transformação social toma um rumo diferente do conhecido durante a modernidade, baseado na sociedade civil e no movimento trabalhista. Na sociedade atual, com funcionamento em rede, a identidade de projeto origina-se da resistência comunal. O que articula a rede não é uma conexão formal como a internet e instituições, mas o sentimento de pertencimento a uma mesma comunidade e movimento social, cimentado por uma identidade de resistência ativa e de superação, que significa a construção da identidade de projeto, do local para o universal contra o capitalismo contemporâneo.

Nessa direção, Carvalho (2002) desenha uma estratégia possível de contraponto ao processo de erosão da identidade camponesa, trabalhando três dimensões das mudanças: a) *práticas de consumo*: evitando hábitos tipicamente urbanos, com um consumo integralmente monetarizado, que contribui para acelerar sua crise de identidade (é fundamental avançar na perspectiva da soberania alimentar como estratégia fundamental); b) *práticas de produção*: o objetivo é uma maior diversificação da produção e um crescente processo de substituição de

insumos produtivos e gêneros alimentícios, avançando na transição agroecológica; e c) *concepção de mundo*: paralelo ao trabalho das dimensões de consumo e produção, é crucial a compreensão do funcionamento da sociedade contemporânea que contribua para a reflexão sobre as causas que determinam sua exclusão social e sua crise de identidade.

### HISTÓRICO DA FEIRA, PROBLEMA ABORDADO E HIPÓTESES LEVANTADAS

Foi a partir desses pressupostos que se analisou a feira agroecológica de Mossoró, criada em 2007. A feira já era acalentada por um conjunto de famílias e entidades de assessoria, mas só se concretizou em junho daquele ano. Vale frisar que esse processo está no bojo de um amplo movimento estadual de fortalecimento da agroecologia em municípios potiguares. Essa dinâmica vem sendo fomentada por entidades que compõem a Rede Pardal (Rede de Entidades de Assessoria), além de instituições como a Rede Xique-Xique (Rede de Comercialização Solidária), SEBRAE e alguns apoios financeiros advindos do governo federal.

O primeiro passo foi a formação de um grupo de vinte famílias que participaram de uma série de cursos financiados pelo SEBRAE no intuito de contribuir para que os agricultores compreendessem o desafio para, posteriormente, construir uma proposta global, desde a produção até a logística da feira. Para tanto, foi constituída uma associação para dar suporte a essa iniciativa. O SEBRAE também disponibi-

lizou parte da infraestrutura, como as barracas e o sistema de produção PAIS (Produção Agroecológica Integrada e Sustentável), além de um agrônomo para assessorar esse processo.

A feira se realiza aos sábados e inicia na madrugada com a chegada dos feirantes e dos consumidores. Das vinte famílias que começaram, saíram oito, alegando dificuldades. As doze restantes, com certificado que praticam agricultura ecológica, estão animadas e cientes dos desafios para a consolidação da feira.

Foi percebido que existe um hiato entre o que está sendo produzido e a procura pelos consumidores. Isto é, logo nos primeiros momentos da feira, a maioria dos produtos, principalmente os *in natura* (frutas e verduras) acaba, sobrando os beneficiados como o mel e a castanha. Isso demonstra, por um lado, uma insuficiência da capacidade produtiva e, por outro lado, mostra o grande potencial de expansão da feira, tanto para aumentar a produção das famílias já inseridas como uma possibilidade de integração de novas famílias.

Para seus integrantes, mesmo reconhecendo as dificuldades existentes na produção, a feira tem tido avanços significativos nos seus primeiros anos de funcionamento e pode-se dizer que já é uma realidade, tanto para os agricultores envolvidos como para os consumidores e a cidade de Mossoró. Nesse período, conseguiram criar vínculo e cumplicidade produção/consumo, que pode ser comprovado na relação e frequência continuada no local aos sábados.

Pode-se considerar que a feira agroecológica de Mossoró já se mostra consolidada,

funcionando regularmente, todos os sábados, demonstrando que sobre alguns aspectos, tem trazido satisfação para os dois sujeitos que viabilizam essa experiência: produtores/feirantes e consumidores. Por outro lado, parece que a mesma não consegue superar seu estágio atual e alcançar outros produtores e consumidores. Nesse sentido, a presente pesquisa baseou-se na hipótese que a transição agroecológica dos grupos que constroem essa feira encontra-se em um estágio preliminar, ao mesmo tempo em que já apresenta significado para os atores envolvidos, produtores e consumidores. Desta feita, o problema investigado é como esse aspecto contraditório se apresenta? Isto é, quais os fatores que sustentam a existência da feira por um período tão longo, assim como, quais são as fragilidades estruturais que limitam sua expansão.

Para abordar os aspectos limitantes, foram trilhados alguns caminhos: na parte produtiva, o desafio de construir um processo de transição agroecológica que possibilite uma maior e melhor variedade de produtos que potencialize a comercialização e o autoconsumo familiar, vistos como pilares fundamentais para a expansão e consolidação da feira; na parte da infraestrutura, os limites no transporte, beneficiamento, embalagens e organização do local da feira, além de processos comunicativos que consigam persuadir amplos setores de consumidores potenciais residentes em Mossoró, que não frequentam e, portanto, não contribuem com a viabilização e multiplicação dessa experiência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: LIMITES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE UM PROCESSO EM MOVIMENTO

Durante a construção desse trabalho, através dos contatos com os agricultores, notou-se uma série de limites, principalmente no processo produtivo, o que irá acarretar na quantidade e diversidade dos produtos oferecidos na feira. As dificuldades vão desde a aquisição das sementes, pois ainda, na sua maioria, continuam tendo que comprá-las no comércio, passando pelo manejo das práticas da agricultura ecológica que irão acarretar na quantidade e qualidade dos produtos como, por exemplo, uma maior integração entre plantio e criação, em que um potencialize o outro e dando mais alternativas de produtos de origem animal e vegetal. Essa percepção também é compartilhada pelos agricultores que afirmaram ser o processo produtivo, nessa perspectiva de transição agroecológica, o maior desafio para o fortalecimento e consolidação da feira.

Alguns integrantes do grupo desejam, além do fortalecimento da feira, abranger outros espaços de comercialização, como o mercado institucional, como PAA e PNAE. Acreditam que a sua concretização vai aportar recurso financeiro para serem investidos no processo produtivo e de beneficiamento de uma parte da produção que agregue valor, visto como estratégico para melhorar a renda dos participantes, além de oferecer uma maior variedade de produtos aos consumidores.

Qual o futuro desse movimento ainda disperso e heterogêneo? Conseguirão se afir-



mar nos interstícios de uma sociedade ainda dominada pelo hábito de consumo de produtos advindo dos grandes grupos econômicos centralizadores da atenção da sociedade e do poder político? Conseguirão aumentar as brechas no mercado atual para além do permitido pela lógica dominante? Ou conseguirão avançar nos seus processos de transição agroecológica que apontem para o fortalecimento de suas autonomias e identidades como integrantes do segmento social e político da agricultura familiar e camponesa? Caso se concretize a primeira hipótese, assistir-se-á, como afirma Almeida (1998) a uma espécie de guetização e posterior desideologização dessa iniciativa; caso vingue a segunda hipótese, a feira de agroecologia de Mossoró poderá se consolidar como uma experiência exitosa e referência para outros processos em curso que buscam fortalecer a agroecologia como contraponto e alternativa de desenvolvimento rural e de produção de alimentos saudáveis, potencializando assim o vínculo entre consumo e produção.

Seja como for, as novidades trazidas com a feira agroecológica de Mossoró precisam ser observadas para além da escala quantitativa da produção e comercialização. Devem ser analisadas não como um retrato estático, mas como uma imagem em movimento. Toda essa dinâmica de produção, respeitando a natureza e buscando uma relação direta com quem consome, é alimentada pelo espírito da agroecologia, da soberania alimentar e da economia solidária.

Sobre tudo isso, é difícil uma resposta exata. Mas, a partir de um olhar mais atento, é possível perceber que os brotos da transição

para esse grupo já podem ser vistos. Se eles vão vingar dependerão de muitos fatores, tais como, desses sujeitos ganharem mais adeptos para se tornarem também sujeitos. Dessa forma, ganhariam mais força para sensibilizar amplos segmentos da sociedade e capacidade de pressão, para que as variadas políticas públicas para fortalecer a agricultura familiar camponesa, bem intencionadas e voltadas para a sustentabilidade, saltassem do papel e se efetivassem na vida real.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jalcione. *A construção social de uma nova agricultura*. Porto Alegre: Ed. Universitaria/UFRGS, 1999.

\_\_\_\_\_. *A agroecologia entre o movimento social e a domesticação pelo mercado*. Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 24, n. 2, 2003. Disponível em <<http://agroeco.org/brasil/material/agroco-brasil-jalcione.pdf>>. Acesso em 20 out 2006.

CANUTO, João C. *Agricultura ecológica en Brasil: perspectivas socioecológicas* (Tese de Doutorado). Córdoba: Programa Agroecología, Campesinado e Historia. ISEC – Instituto de Sociología y Estudios Campesinos e ETSIAM – Escuela Superior de Ingenieros Agrónomos y Montes. Universidad de Córdoba. España, 1998.

CAPORAL, Francisco R.; COSTABEBER, Jose A. (Org.). *Agroecologia e Extensão*

Rural: *contribuicoes para a promocao do desenvolvimento rural sustentável.*

CARVALHO, Horacio M. *Comunidade de resistência e de superação.* Curitiba, 2002. (Mimeo)

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade.* A Era da informação: economia, sociedade e cultura; Vol. 02. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CERVO, Amando L.; BERVIAN, Pedro A. *Metodologia científica.* 5 ed. Sao Paulo: Prentice Hall, 2003.

COSTABEBER, Jose. *Transição agroecologica: do produtivismo a ecologizacao.* In: Brasilia: MDA/SAF/DATER, 2004.

CUNHA, Marialdo S. *Estudo comparativo de feiras agroecológicas:* Janduís, São Miguel do Gosto e Apodi. Rede Pardal: 2009.

GLIESSMAN, Stephen R. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentáveis.* Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.

PLOEG, Jan D. V. D. *Camponeses e Impérios Alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na Era da Globalização.* Porto Alegre. UFRGS Editora, 2008.

SANTOS, Boaventura S. *Gramática do tempo: para uma nova cultura política.* São Paulo: Editora Cortez, 2006.

SILVEIRA, P & BALEM T. *Formacao profissional e extensao rural: a incapacidade da superacao do modelo agricola.* Anais: VI Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção. Aracaju, 2004.

WHITAKER, D. *Soberania alimentar e assentamento de reforma agraria.* In: FERRANTE, Vera L. B.; WHITAKER, Dulce C. A. (Org.) Reforma agrária e desenvolvimento: desafios e rumos da politica de assentamentos rurais. Sao Paulo: Uniara[co-editor], 2008.